

TRANSIÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO PARA O ENSINO SUPERIOR



A transição do ensino secundário para o ensino superior é vista, hoje em dia, como a mais importante de todo o ciclo de vivências académicas, quer para o estudante, quer para os seus familiares e amigos, colegas incluídos. Na verdade, a frequência do ensino superior marca, simultaneamente, o final da escolaridade “obrigatória” e o início da transição para o mundo do trabalho e para a autonomia própria do jovem adulto. O estudante chega ao ensino superior como “filho de alguém” e sai, se tudo correr bem, como adulto, preparando-se para o seu primeiro emprego, para a sua primeira vivência a dois e, quem sabe, a caminho de se tornar pai/mãe de outro “alguém”.

Não surpreende, pois, que o estudante encare este período com apreensão e ansiedade, isto depois da alegria de ter conseguido “entrar”, alegria que muitas vezes tingem todo o primeiro ano de frequência do ensino superior. Alternativamente, muitos estudantes encaram o primeiro ano como uma espécie de “descanso do guerreiro” e assumem uma postura descontraída, ficam fascinados com a sua “nova” vida e imaginam que podem obter bons resultados sem grande esforço. O insucesso académico que às vezes se segue a esta postura, frequentemente é atribuído pelo estudante à adaptação a uma nova realidade académica, pelo que só muito tardiamente toma medidas sérias para lidar com este insucesso, e nessa altura a recuperação já é muito mais lenta.

Na verdade, ao entrar para o ensino superior o estudante encontra um ambiente radicalmente diferente do que conheceu durante toda a sua vida de estudante, sendo as diferenças assinaláveis nomeadamente no que diz respeito à relação pedagógica que se estabelece entre professores e alunos, às formas de avaliação e à ausência de estrutura do contexto.

Mais especificamente:

O estudante deixa de ter um manual por disciplina e passa a ter de fotocopiar diversos textos indicados pelos docentes, ou mesmo diversos livros (ou capítulos de livros), que não trazem a informação “mastigada” e sintetizada e têm antes de ser “trabalhados” pelo estudante, de quem se espera que saiba procurar as referências mais relevantes.

O estudante deve saber dominar uma variedade de ferramentas informáticas e tecnológicas que, nalguns casos lhe são estranhas, e isto sem um apoio directo por parte dos docentes, que poderão ser contactados, no horário de dúvidas, mas não tomarão a iniciativa de se certificar sobre se o estudante está a acompanhar a matéria exposta (ao contrário do que acontecia no ensino secundário)

O estudante passa a funcionar num ambiente “king size” – há vários docentes para a mesma disciplina, várias licenciaturas na mesma Universidade, demasiados alunos a concorrer ao mesmo espaço na sala de aulas, na sala de informática ou no laboratório.

Os momentos de avaliação reduzem-se a dois, em datas muito próximas, e com uma quantidade de informação a ser avaliada em cada momento claramente superior à que era exigida para os testes do secundário, o que frequentemente gera alguma ansiedade à situação de avaliação, o que evidentemente vai influenciar negativamente o rendimento académico.

O ritmo de exposição das matérias aumenta consideravelmente, sendo que nalguns casos o aluno dificilmente consegue um momento de reflexão sobre o que lhe está a ser transmitido, pelo que muitas vezes opta por deixar de frequentar as aulas onde, parece, “não aprende nada”, o que evidentemente vai dificultar ainda mais a aprendizagem.

Os estudantes que, para frequentarem o Ensino Superior, tiveram de sair de casa dos pais e que passaram a viver em residências universitárias, casas de familiares ou quartos alugados são confrontados com um conjunto de dificuldades acrescidas, nomeadamente a sensação de solidão, as saudades de casa, dos amigos e família e ainda o medo de não se conseguirem “governar” sozinhos. Os estudantes que vêm das ilhas ou de países estrangeiros poderão ter dificuldades acrescidas.

Os estudantes que conseguirem fazer um bom processo de adaptação logo no primeiro ano estão mais “protegidos”, por assim dizer, contra o insucesso académico ou a desmotivação académica, sendo menos provável que venham a abandonar o ensino superior.

O que pode o estudante fazer, então, para mais facilmente lidar com esta nova vivência, i.e. para se adaptar o mais rápida e completamente possível?

O estudante deve procurar construir uma rede social de apoio o mais rapidamente possível e/ou não perder a rede social de apoio que já existia, i.e. tentar fazer amigos rapidamente na nova instituição de ensino, em particular formando um grupo de trabalho que “funcione”, e simultaneamente não perder “de vista” os amigos que já tinha no ensino secundário (esta recomendação é particularmente importante para os estudantes deslocados que muitas vezes se recusam a fazer novos amigos e estão sempre desejosos de regressar “a casa”).

O estudante deve iniciar ou manter a prática de uma actividade física regular, individual ou colectiva.

O estudante deve procurar estimular-se intelectualmente, de forma a tirar o máximo partido da oportunidade de crescimento intelectual que lhe é oferecida pela frequência do ensino superior: ler, pensar sobre o que lê, assistir a programas de televisão na área da divulgação científica, assistir a congressos e encontros científicos, dentro e fora da Universidade.

O estudante deve procurar equilibrar o estudo com actividades extra-curriculares, nomeadamente saídas para o ar livre, ou saídas que envolvam convívio com amigos (o mentorado oferece algumas alternativas interessantes)

O estudante deve tentar adquirir hábitos de estudo e de gestão pessoal, se não os adquiriu durante o ensino secundário, que envolvam, nomeadamente a definição de objectivos, a gestão do tempo, a realização das tarefas nos prazos fixados, a organização dos apontamentos e a identificação de um método de estudo apropriado.

O estudante deve procurar desenvolver uma atitude positiva em relação a si próprio, em relação aos outros e em relação ao quotidiano.

E se estas sugestões não forem suficientes?

Quando os nossos recursos pessoais se esgotam, é sempre possível mobilizar outros recursos no exterior – os colegas, os docentes, os pais, o tutor, o mentor ou os técnicos especializados, nomeadamente do GAPsi. O silêncio sobre as dificuldades pessoais, a vergonha e o medo que lhe estão muitas vezes subjacentes, é a única opção que faz claramente parte do problema e não da solução!